

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Análise Existencial e
Gestalt-Terapia

Vinícius Akim de Moraes Sarmiento

PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL COM CLIENTES
HOMOSSEXUAIS:
A Heteronormatividade e o Poder-Ser

Belo Horizonte
2025

Vinícius Akim de Moraes Sarmiento

**PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL COM CLIENTES
HOMOSSEXUAIS:
A Heteronormatividade e o Poder-Ser**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Análise Existencial e Gestalt-Terapia, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista.

Belo Horizonte

2025

150 Sarmiento, Vinicius Akim de Moraes.
S246p Psicoterapia fenomenológico-existencial com clientes
2025 homossexuais [recurso eletrônico] : a heteronormatividade e
o poder-ser / Vinicius Akim de Moraes Sarmiento. - 2025.
1 recurso online (32 f.): pdf.
Orientador: Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista.

Monografia apresentada ao curso de Especialização em
Psicologia Clínica: Análise Existencial e Gestalt-terapia -
Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia.

1.Psicoterapia. 2.Homossexualidade. I. Evangelista,
Paulo Eduardo Rodrigues Alves. II. Universidade Federal
de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Folha de Aprovação

PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL COM CLIENTES HOMOSSEXUAIS: A
HETERONORMATIVIDADE E O PODER-SER

VINÍCIUS AKIM DE MORAES SARMENTO

monografia defendida e aprovada, no dia **sete de junho de 2025**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista - Orientador

FAFICH/UFMG

Maria Madalena Magnabosco

FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 01 de julho de 2025.

Prof. Dr. Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista
Coordenador do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista**,
Coordenador(a) de curso de pós-graduação, em 01/07/2025, às 09:45, conforme horário oficial de
Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site
[https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?
acao=documento_conferir&id_organizacao=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_organizacao=0), informando o código verificador **4339262** e
o código CRC **4C68E636**.

*Dedico este trabalho aos meus pacientes, e
àqueles que, como eu, buscam se ver
representados.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Rogério e Erika, por terem me ensinado desde cedo o valor dos estudos e me incentivado a sempre continuar estudando, além de terem me proporcionado, por tanto tempo, ter os estudos como principal ocupação em minha vida.

Agradeço à minha irmã Amanda, por sempre ter acreditado em mim, mesmo quando eu não acreditasse. Mesmo que fosse difícil, ela nunca duvidou de que eu chegaria aonde eu quisesse ir.

Agradeço à minha avó Suely, por me lembrar de tudo que eu tenho, do que sou capaz, e me fazer colocar em perspectiva minhas queixas. E à minha avó Nanci, por me ter em seus pensamentos sempre, mesmo de longe, e me querer bem.

Agradeço à minha tia Raquel, primeira psicóloga que conheci e com quem convivi, que me ajudou a descobrir a Psicologia e sustentá-la enquanto trajetória profissional.

Agradeço às minhas colegas da pós Ana Luiza, Júlia, Amanda e Thauane, por tornarem esse processo mais leve, serem companhia, ouvirem minhas angústias, e trilharem junto esse caminho. Ah, e claro, por nossos almoços de cada sábado de aula.

Agradeço também ao meu orientador, Paulo, por ter me apresentado a psicologia fenomenológico-existencial, e por ter me acolhido em seu grupo de pesquisa e no Plantão Psicológico da UFMG, ainda na graduação. Foi lá que eu me senti psicólogo pela primeira vez, e foi lá onde pude começar a pesquisar sobre o tema desta monografia, que me é tão caro. Obrigado por me permitir enveredar por esse caminho, e me guiar nele.

Por fim, agradeço ao Gabriel, por sempre estar comigo, me ensinar sobre o amor de cada dia, e me permitir viver uma vida que eu duvidei, em outra época, que seria possível.

RESUMO

Esta monografia propõe uma reflexão sobre a psicoterapia fenomenológico-existencial com clientes homossexuais. O estudo parte do reconhecimento de que a homossexualidade, historicamente patologizada, ainda hoje é alvo de estigmas e discriminações marcadas pela heteronormatividade. A partir de uma revisão narrativa da literatura, investiga-se como esse contexto sociocultural repercute na vir-a-ser e no sofrimento existencial de pessoas homossexuais, afetando especialmente as dimensões do ser-com e do poder-ser. Argumenta-se que a psicoterapia fenomenológico-existencial, ao não impor normatividades e trabalhar a abertura à autenticidade do Dasein, pode atuar de modo afirmativo, mesmo sem reivindicar explicitamente a nomenclatura de “terapia afirmativa”. São discutidos os conceitos de Impessoal, cuidado antepositivo e apropriação de si como fundamentos para uma prática clínica que reconheça o sofrimento singular de clientes homossexuais e os auxilie a ampliar suas possibilidades de ser. Conclui-se que, embora a fenomenologia existencial não patologize a diversidade sexual, sua prática exige do terapeuta formação crítica quanto às normatividades impostas pelo Impessoal, a fim de não reproduzi-las na clínica.

Palavras-chave: psicoterapia fenomenológico-existencial; homossexualidade; heteronormatividade; Daseinsanalyse; cuidado.

ABSTRACT

This monograph offers a reflection on existential-phenomenological psychotherapy with homosexual clients. The study begins with the recognition that homosexuality, historically pathologized, remains the target of stigma and discrimination rooted in heteronormativity. Through a narrative literature review, it investigates how this sociocultural context affects the being and existential suffering of homosexual individuals, particularly impacting the dimensions of being-with and potentiality-for-being. It is argued that existential-phenomenological psychotherapy, by refraining from imposing normativities and working toward the Dasein's openness to authenticity, may act affirmatively—even without explicitly adopting the label of “affirmative therapy.” The concepts of the They, liberating care, and self-appropriation are discussed as foundations for a clinical practice that acknowledges the unique suffering of homosexual clients and supports them in expanding their possibilities of being. It is concluded that although existential phenomenology does not pathologize sexual diversity, its practice demands that therapists receive critical training regarding the normativities imposed by the They, in order to avoid reproducing them in the clinical setting.

Keywords: existential-phenomenological psychotherapy; homosexuality; heteronormativity; Daseinsanalysis; care.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1. A homofobia na literatura psicológica fenomenológico-existencial.....	10
1.2. Terapias Afirmativas.....	11
1.3. O sofrimento existencial com a heteronormatividade.....	13
2. EXISTÊNCIA ENQUANTO ABERTURA, SER-NO-MUNDO E TERAPIAS FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS.....	18
2.1. Conceitos da Fenomenologia Existencial Heideggeriana.....	18
2.2. A Psicoterapia Daseinsanalítica e outras Psicoterapias Fenomenológico-Existenciais.....	20
2.3. O Cuidado nas Psicoterapias Fenomenológico-Existenciais.....	22
3. TERAPIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL COM CLIENTES HOMOSSEXUAIS.....	25
3.1. A Dimensão do Ser-Com na Terapia com Clientes Homossexuais.....	25
3.2. A Terapia e o Sofrimento com o Impessoal.....	26
3.3. A Apropriação de Si na Terapia e o Poder-Ser.....	28
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31

1. INTRODUÇÃO

A escolha por realizar esta pesquisa, com a temática de como se dá uma análise fenomenológico-existencial com pacientes homossexuais, tendo como pano de fundo as terapias afirmativas, remonta à escolha mesma do curso de Psicologia como graduação e, conseqüentemente, minha trajetória profissional. A minha decisão de cursar Psicologia se deu como forma de poder auxiliar aqueles que, como eu, se sentissem estrangeiros em seus mundos, por não serem como a sociedade esperava que fossem. Passei sozinho, em silêncio, pelo caminho da autodescoberta e autoaceitação de minha orientação sexual e escolhi ser psicólogo para acompanhar aqueles que sofressem ao percorrer esse caminho, para que pudesse cuidar deles nessa trajetória tão desafiadora.

Assim, desde a graduação, busquei uma psicologia que me permitisse trabalhar dessa forma: buscando auxiliar a pessoa com quem eu trabalhasse a alcançar a liberdade de ser quem se é, a autenticidade, a autonomia. Diante disso, não é difícil, para aqueles que conhecem a fenomenologia existencial, compreender por que me encantei com essa abordagem. Segundo Magliano e Sá (2015), a análise fenomenológico-existencial remonta à *analisein*, do grego, que significa libertar o que está preso, de modo que o Dasein¹ possa se apropriar de seu modo de ser.

Movido por esse interesse, ainda na graduação pesquisei acerca de como a homofobia aparece na literatura psicológica fenomenológico-existencial (Sarmiento; Evangelista, no prelo). Realizamos uma revisão integrativa da literatura disponível à época, encontrando três tipos de abordagens do tema na psicologia fenomenológico-existencial: artigos que se debruçaram sobre a psicoterapia com clientes LGB²; outros que se dedicaram à exploração fenomenológico-existencial de experiências LGB; e, por fim, os que buscaram teorizar sobre a origem da orientação sexual.

Concluimos, nessa pesquisa, que a homofobia não é um tema central na literatura fenomenológico-existencial. Os trabalhos revisados citam a discriminação, mas sem desenvolver uma teoria específica sobre o fenômeno. Além disso, há

¹ Conceito de Martin Heidegger, usado para indicar o ser da existência.

² Aqui, foi utilizada a sigla "LGB", ao invés de "LGBT", ou mesmo "LGBTQIAPN+", sua versão mais atualizada e completa, porque as pesquisas mencionadas debruçaram-se apenas sobre orientação sexual homossexual, e não sobre identidade de gênero. Adiante, esse ponto será comentado como uma limitação desta pesquisa.

divergências na abordagem da diversidade sexual humana: alguns autores enfatizam a escolha existencial, enquanto outros apontam a influência social e a heteronormatividade como fatores determinantes.

Sendo assim, a partir dessa pesquisa anterior, interessa-me, agora, explorar mais a fundo a psicoterapia com clientes homossexuais, e também, inspirado pelo segundo grupo temático da pesquisa realizada anteriormente, como as experiências próprias de pessoas homossexuais influenciam na psicoterapia com esse público.

A partir disso, podemos perguntar-nos, então: como é uma terapia fenomenológico-existencial com clientes homossexuais? Tem suas especificidades? Se sim, quais?

Para isso, realizamos aqui um ensaio, cujo método é a revisão narrativa de literatura. Partimos principalmente de referências utilizadas na pesquisa anteriormente citada, além de inclusão de novas referências, mas que não foram buscadas de forma sistemática. O objetivo, aqui, é apresentar o ponto de vista do autor, por isso esta é a metodologia escolhida (Costa; Fontanari; Zoltowski, 2022).

1.1. A homofobia na literatura psicológica fenomenológico-existencial

Ao revisitarmos os artigos encontrados na revisão bibliográfica citada anteriormente, deparamo-nos com dois artigos que versam sobre a psicoterapia com clientes homossexuais.

Clarke (2008) entende que, numa psicoterapia fenomenológico-existencial com um paciente gay, o terapeuta pode explorar o mundo do paciente, partindo dos conceitos de *Umwelt*, *Mitwelt* e *Eigenwelt* para compreender a forma como o cliente se relaciona com a própria homossexualidade. Ele enfatiza a importância de uma postura acolhedora e positiva em relação à orientação sexual do cliente. Ele entende que a psicoterapia fenomenológico-existencial tem como papel permitir ao cliente compreender quais são seus próprios valores, desejos e projetos, para que ele possa levar sua existência de forma mais livre, autêntica e autônoma. Falaremos mais dessa pesquisa adiante.

Já Langdridge (2007) escreve um artigo em defesa da prática das chamadas “terapias afirmativas³” no âmbito da prática clínica humanista e fenomenológico-existencial. Ele discute como pode parecer contraditório esse tipo

³ Terapias afirmativas são aquelas em que o terapeuta busca afirmar a identidade sexual do cliente. O conceito será discutido em profundidade adiante.

de prática nessas abordagens, visto que nosso objetivo clínico não é, jamais, impor algo a nossos clientes, mas sim auxiliá-los a poderem ser de forma mais autêntica. Assim, elabora uma forma pela qual uma psicoterapia humanista ou fenomenológico-existencial poderia ser afirmativa de uma identidade não-heterossexual, pautando-se pela teoria da interpretação e de apropriação, de Paul Ricoeur.

Com esse rápido sobrevoo, observamos que já houve esforços de pesquisadores da psicologia fenomenológico-existencial para pensar em como pode funcionar uma psicoterapia com clientes LGB. Chama a atenção que Clarke (2008) se pauta na ideia de que a psicoterapia fenomenológico-existencial já, por si só, possibilita a um cliente homossexual, que tenha como demanda trabalhar a aceitação de sua orientação sexual, fazê-lo, pois essa terapia trabalha justamente com os valores, desejos e projetos do cliente, sem impor ideais externos do que seria o melhor para alguém. Já Langdrige (2007) parte das chamadas terapias afirmativas, pensando em uma forma de tornar terapias humanistas ou fenomenológico-existenciais afirmativas, partindo de conceitos próprios de autores da fenomenologia existencial. Assim, cumpre explorarmos um pouco sobre essas terapias.

1.2. Terapias Afirmativas

As ciências, historicamente, problematizaram a homossexualidade, compreendendo-a como não-natural, anormal e patológica. Essa compreensão foi característica do chamado Século da Sexologia, período compreendido entre 1890 e 1980, em que a sexualidade tornou-se objeto de estudo das ciências (Paiva, 2008). Nesse momento, a homossexualidade foi compreendida como necessariamente patológica (Borrillo, 2010), o que marcou a sua medicalização. Na psicologia, foi vista, primeiramente na psicanálise, como uma falha no desenvolvimento psicosexual. Na psicologia fenomenológico-existencial, foi vista como desvio sexual (Binswanger, 1957) e como perversão sexual (Boss, 1949).

No final dos anos de 1960, o paradigma sexológico entrou em crise. Uma nova perspectiva crítica chega para interpelar as verdades produzidas pela sexologia, impulsionada por teóricos vinculados a movimentos sociais, como o homossexual e o feminista. Assim, perspectivas patologizantes e medicalizantes, hegemônicas até então, passaram a ser questionadas no âmbito científico,

resultando num processo de desmedicalização da homossexualidade. Alguns marcos desse momento histórico são a retirada da homossexualidade da lista de doenças mentais, pela American Psychiatric Association, em 1974, a retirada da homossexualidade egodistônica do DSM, em 1987 (Borrillo, 2010) e a Resolução CFP 01/1999 (CFP, 1999).

A partir dessa mudança, também há transformações no campo das psicoterapias em relação a como se aborda a homossexualidade. Iniciam-se estudos que buscam compreender os efeitos negativos do ambiente social na saúde mental de pessoas não-heterossexuais, como o Modelo do Estresse de Minoria, de Meyer (1995). Em 1982, Malyon, nessa toada, cunha o conceito da terapia afirmativa.

Malyon (1982) define a psicoterapia afirmativa como sendo um olhar à psicoterapia em que, devido ao contexto homofóbico em que se dá o desenvolvimento psicossocial de homens gays, faz-se necessário que o psicoterapeuta busque amenizar os efeitos negativos que se deram na socialização do cliente. Ele contrapõe essa abordagem ao que era prevalente à época, a saber, as terapias de reversão, e enfatiza que a homossexualidade deve ser vista como natural e não-patológica. Ele também delineia que numa terapia afirmativa não se verá apenas a homofobia como fonte patogênica na vida do cliente, pois isso seria reducionista; ele apenas enfatiza que a homofobia e a socialização no contexto homofóbico devem ser levadas em conta ao se atender pacientes gays.

Malyon (1982) destaca que sua proposta de uma psicoterapia afirmativa não é uma nova abordagem psicoterápica, mas, sim, um referencial para psicólogos clínicos. Em sua proposta de uma psicoterapia afirmativa, o foco é na relação terapêutica (ou transferência) e em como o andamento do processo pode se beneficiar da revelação da própria homossexualidade do terapeuta ao cliente, além da identificação de pensamentos, comportamentos e experiências homofóbicos do paciente. A ideia é mover a problemática da homossexualidade para a homofobia e auxiliar o cliente a desenvolver uma identidade saudável e livre da homofobia internalizada.

A primeira referência à terapia afirmativa no contexto brasileiro se deu com a publicação do livro *Terapia Afirmativa: Uma Introdução à Psicologia e à Psicoterapia Dirigida a Gays, Lésbicas e Bissexuais*, de Klecius Borges, em 2009 (Santos; Hohendorff, 2024).

Diante dessa breve exposição do que são as terapias afirmativas, compreende-se que há, em sua base, o pressuposto de que há um sofrer específico de pessoas homossexuais, que estaria pautado na discriminação pela qual passam em nossa sociedade, e que deve haver um esforço do psicoterapeuta em abordar esse sofrimento específico em terapia, adotando uma postura receptiva e afirmativa da identidade sexual do cliente, valorizando-a.

Assim, podemos questionar-nos como se dão esses sofrimentos específicos, antes de pensarmos em como é uma terapia fenomenológico-existencial e se caberia ao terapeuta trabalhando nesta abordagem adotar uma postura afirmativa.

1.3. O sofrimento existencial com a heteronormatividade

Antes de conceituar o sofrimento existencial, cumpre explorar mais profundamente o conceito de heteronormatividade. Segundo Borrillo (2010), o heterossexismo, ou heteronormatividade, é a crença de que há uma hierarquia das sexualidades, em que a heterossexualidade seria a superior. “O heterossexismo pressupõe a diferenciação elementar entre os grupos homos/héteros, reservando a este último, sistematicamente, um tratamento preferencial” (Borrillo, 2010, p. 34).

Assim, a homofobia, que deriva do heterossexismo, arma-se na ideia de que “os/as homossexuais, em decorrência de suas ‘práticas bizarras’, vivem sob a suspeita de que ameaçam a coesão cultural e moral da sociedade” (Borrillo, 2010, p. 36). Essa forma de preconceito não é individual, mas decaída no Impessoal⁴, portanto, sociocultural e histórica, e validada no campo público e político por meio de leis e normas. Isso dá concretude a essa discriminação, que afeta a vida de pessoas homossexuais de forma direta e contundente; por exemplo, desprovendo-lhes de “direitos mais elementares, tais como casamento, adoção, acesso às técnicas de reprodução, agrupamento familiar, igualdade patrimonial dos casais, acesso aos direitos sociais, etc.” (Borrillo, 2010, p. 35).

Essa hierarquização e opressão, legitimadas pelo Estado, impactam existencialmente aqueles que estão sujeitos a ela. “...Um processo mental de subjetivação - que consiste em levar o indivíduo discriminado a aceitar a natureza essencial de sua diferença - é o que torna possível alimentar regularmente a

⁴ Conceito de Martin Heidegger, também traduzido como *a gente*. “...constitui o ‘público’ ou a ‘opinião pública’ – que domina a maneira de viver com os outros” (SPANOU DIS, 1981, p. 21). Esse conceito será discutido adiante.

resignação dos dominados ao status atribuído pelos dominantes” (Borrillo, 2010, p. 38).

Ao expormos o aspecto político dessa opressão e inferiorização, queremos mostrar sua origem e, também, apontar para a importância de seu combate no espaço político e público. A homofobia e a heteronormatividade não podem ser eliminadas, enquanto problemas sociais e estruturais, no âmbito clínico. Contudo, como aponta o próprio Borrillo (2010),

... o que caracterizaria a homofobia, portanto, é o fato de que ela visa, sobretudo, indivíduos isolados, e não grupos já constituídos como minorias. O homossexual sofre sozinho o ostracismo associado à sua homossexualidade, sem qualquer apoio das pessoas à sua volta e, muitas vezes, em um ambiente familiar também hostil. Ele é mais facilmente vítima de uma aversão a si mesmo e de uma violência interiorizada, suscetíveis de levá-lo até o suicídio (p. 40).

Com isso, ele enfatiza que não há uma comunidade coesa e intergeracional de homossexuais, como o há no caso de outras minorias sociais, que podem se fortalecer de forma comunitária e familiar. Enfatizamos isso não para negar a importância da articulação política e comunitária dos movimentos sociais LGBT, mas para expor a dificuldade e, em alguns casos, até mesmo a impossibilidade de tal articulação, o que relega a vítima da opressão a um sofrimento solitário, que pode ser potencializado nessa solidão.

Já numa perspectiva fenomenológico-existencial, que aprofunda a compreensão desse sofrimento solitário, podemos citar o trabalho de Gupta (2017). Ela compara a experiência de se ‘estar no armário’, ou seja, de se ter que esconder do mundo a identidade sexual dissidente, com a experiência do sofrimento esquizoide como explicada por R.D. Laing.

De acordo com Gupta (2017), Laing foi um psicopatologista que, originalmente, se pautava na psicanálise, mas se distanciou dela, ao compreender que as psicopatologias conhecidas à época não tinham suas causas em fatores intrapsíquicos, mas sim nos esforços dos pacientes de iludir a si mesmos ou então de negar experiências dolorosas demais para que pudessem lidar com elas. Assim, para Laing (*apud* Gupta, 2017) o paciente desenvolveria uma “falsa verdade” (p. 172; tradução nossa), que o ajudaria a lidar com situações difíceis. Mais especificamente em sua explicação do sofrimento próprio de indivíduos diagnosticados como esquizoide, Laing (*apud* Gupta, 2017) indica que essas pessoas percebem o mundo como sendo persecutório e perigoso e, para lidar com

isso, escondem seus verdadeiros *selves* e criam um falso *self* para interagir com as pessoas.

Assim, na psicopatologia de Laing, segundo Gupta (2017), entende-se que demandas da sociedade e de grupos específicos, como a família, para que alguém se conforme às normas sociais afetam a sanidade de pessoas que vivem fora dessas normas. Pessoas que não se encaixam na noção social de normalidade são perseguidas, de modo que ou são destruídas pelos demais ou destroem a si mesmas para se conformarem às normas. Laing (*apud* Gupta, 2017) compreende que a socialização leva as pessoas a descartarem sua autenticidade em prol de uma fantasia coletiva de normalidade, que seria esse falso *self*.

Gupta (2017) relaciona essa perspectiva de psicopatologia de Laing com a ideia de heteronormatividade, conceito já definido anteriormente. A perseguição e discriminação contra pessoas homossexuais tornaria o mundo um local perigoso. Desse modo, a autora afirma que o único “local” seguro para essas pessoas, muitas vezes, é o armário, onde ficaria escondida a verdadeira identidade da pessoa, de forma similar a como Laing explica o sofrimento esquizoide (Gupta, 2017).

Ela lança mão do conceito de segurança ontológica de Laing para expor sua ideia de que essa segurança é um privilégio numa sociedade heterossexista (Gupta, 2017). Segurança ontológica é “a capacidade de uma pessoa experienciar que ela é real, completa, viva, contínua, genuína e válida no contexto de sua relação com o mundo” (Gupta, 2017, p. 178; tradução nossa). Ela afirma que um homem gay pode não ter esse senso de que é bom e válido, já que a sociedade não o vê assim. O desejo sexual por pessoas do mesmo gênero não é validado na infância, como o é o desejo heterossexual; inclusive, o desejo homossexual é encarado com falta de reconhecimento e até mesmo nojo. Gupta (2017) aponta que também nas representações midiáticas, apenas o desejo heterossexual é veiculado.

O resultado disso para pessoas homossexuais é a insegurança ontológica básica, que faz com que a pessoa queira esconder seu verdadeiro *self* para evitar que ele fique vulnerável. Pode ser que toda a vida da pessoa passe a girar em torno de manter mecanismos de defesa que a mantenham distante de outras pessoas, o que leva a uma ruptura entre o eu e o mundo, de acordo com Gupta (2017), e a um falso *self*, com a impossibilidade de viver de forma livre e autêntica.

O sofrimento, aqui, se dá, então, pela ocultação da verdadeira identidade sexual, em prol de um falso *self*, que corresponde à norma heterossexista. A própria

pessoa, buscando se defender de um mundo opressivo para pessoas homossexuais, se esconde e se reprime, o que, por outro lado, a impede de viver experiências autênticas e de ser livre.

Até aqui, vemos um sofrimento específico de pessoas homossexuais que estejam no armário, ou seja, que não tenham assumido publicamente sua orientação sexual. Diante do exposto sobre esse sofrimento, pode-se ter a ideia de que a simples publicização da própria orientação sexual daria conta desse sofrimento, sendo que a psicoterapia entraria como forma de possibilitar que a pessoa se reconheça e se aceite, e viva de forma livre sua identidade sexual. Esse é um dos aspectos importantes do sofrimento próprio de pessoas homossexuais, e da psicoterapia com esses clientes. Mas... e quando a pessoa já saiu do armário, e ainda assim sofre com a própria sexualidade?

Autores, como Leone (2016) e Machado (2015), enfatizam que a saída do armário, ou *coming out*, é um processo que não se encerra em um único momento, sendo que Machado resume esse processo da seguinte forma:

(a) consciência de sentimentos homossexuais ou da relevância da homossexualidade para o indivíduo, ou ambos; (b) testar e explorar, sem uma identidade homossexual; (c) aceitação da identidade, quando o indivíduo adota uma identidade homossexual; (d) integração da identidade (SOPHIE, 1985/1986, p. 42 apud MACHADO, 2015, pp. 31-32; tradução nossa).

O autor relaciona intimamente o processo de *coming out* ao conceito de estresse de minoria, o que significa que, mesmo após viver abertamente e de forma integrada sua orientação sexual, a pessoa homossexual ainda se deparará com estressores sociais em demasia quando comparado aos estressores encontrados por heterossexuais, estressores esses que dão concretude ao sofrimento. Ele cita “estressores de estigma percebido, homofobia internalizada, ocultação da identidade sexual minoritária, e discriminação” (Machado, 2015, p. 32; tradução nossa).

Entende-se, então, que mesmo que a pessoa já tenha assumido publicamente, em certos contextos sociais e com certos grupos, sua orientação sexual, ainda assim há uma série de desafios a serem enfrentados, que são chamados na literatura especializada de estressores de minoria.

O estigma percebido diz respeito à antecipação do mal-tratamento por outrem, baseado na exposição a atitudes anti-gay; por exemplo, ao escutar os pais

utilizando falas homofóbicas, mesmo que não direcionadas ao próprio indivíduo, o filho pode antecipar que será rejeitado ou mal-tratado quando revelar aos pais, ou a outras pessoas, sua orientação sexual. Isso contribui, de acordo com Machado (2015), com a homofobia internalizada, definida como “sentimentos negativos internalizados sobre a própria sexualidade e desvalorização do *self*” (p. 32; tradução nossa). Como resultado do estigma percebido e da homofobia internalizada, muitos acabam optando por ocultar a orientação sexual. A discriminação seriam atos de ataque ao indivíduo, com base em sua orientação sexual real ou presumida.

Em suma, percebe-se que o sofrimento específico de pessoas homossexuais se dá não por algo essencial a essas pessoas, um fator interno, mas sim no âmbito do ser-com, na relação com um mundo que deslegitima, estigmatiza ou até mesmo persegue e pune membros dessa comunidade, seja forçando-os à pretensa segurança do armário, negando-lhes direitos iguais aos da comunidade heterossexual, como o direito ao casamento, ou pela via da descriminação, violência e exclusão de determinados espaços, principalmente de espaços públicos.

Essa violência e deslegitimação, sob um olhar fenomenológico-existencial, pode ser concebida como o que está no Impessoal, quando pensamos em representações socioculturais, sedimentadas, do que é a diversidade sexual e de gênero, e como isso afeta, para quem é oprimido, a dimensão do ser-com. Diante disso, podemos compreender que há uma escassez de representações possíveis para quem se descobre homossexual. Quais os projetos possíveis, diante de representações tão negativas? Como ser-no-mundo-com-os-outros, quando os outros representam violência e opressão?

O sofrimento, então, se dá no âmbito do poder-ser. De que forma se pode ser, se pode projetar um futuro, quando não há boas possibilidades dadas no senso comum? Isso nos dá uma importante pista para a atuação da psicoterapia fenomenológico-existencial, como aquela que pode atuar auxiliando a sair do “ter-que”, e fortalecendo a capacidade de buscar caminhos próprios.

Assim, entendemos um pouco mais sobre o sofrimento específico de pessoas homossexuais e sobre algumas possibilidades de psicoterapia com esse grupo. Contudo, ainda cumpre adentrarmos as especificidades de algumas formas de psicoterapia fenomenológico-existencial, para entender como pode ser o trabalho com clientes homossexuais nesse campo.

2. EXISTÊNCIA ENQUANTO ABERTURA, SER-NO-MUNDO E TERAPIAS FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS

2.1. Conceitos da Fenomenologia Existencial Heideggeriana

Vamos retomar, então, conceitos chave da filosofia heideggeriana, fundamentais para a psicologia fenomenológico-existencial. Heidegger, em *Ser e Tempo* (1927/2002), chama de Dasein o ente que nós somos. Nesta obra, ele se propõe a traçar a analítica do Dasein, explicitando suas estruturas existenciais (Sá, 2005). O termo Dasein pode ser traduzido como ser-no-mundo, expressão que carrega em si o sentido do que é o Dasein de Heidegger: revela a mundanidade do ser, ou seja, que estamos sempre *em* um mundo, e que somos co-originários ao mundo, no sentido de que não apenas o habitamos, mas constituímos nosso ser na relação com as coisas e os outros nele. Assim, a existência acontece como sentido: encontrando significados e projetando-se num horizonte futuro, costurando uma história. Com isso, também entendemos que o Dasein é sempre abertura de sentido; relacionamo-nos com os entes que vêm ao nosso encontro, desvelando-lhes o sentido, podendo interagir com eles pela ocupação (entes intramundanos) ou pela preocupação (existentes).

O que diferencia um ente intramundano de um existente é justamente *ter* um mundo, ou seja, ser abertura de sentido (Sá, 2005). Somos ser-com, estamos sempre em relação com outrem. Além disso, somos ser-para-a-morte, no sentido de que somos os únicos seres que sabem da própria finitude.

No cotidiano mediano, ou Impessoal, como Heidegger chama-o, não lidamos diretamente com a questão de nosso modo de ser mais próprio, que é o da finitude, pois, onticamente⁵, fugimos disso. Ficamos decaídos nesse Impessoal, acomodados nos sentidos preestabelecidos para as coisas e entes, inclusive tomando-nos a nós mesmos como entes já dotados de sentido, o que não é o caso. O Impessoal, ou “a gente”, é um existenciário e pertence à constituição do ser-aí (Heidegger, 1981). Ele seria o “todo mundo”, o “ninguém”, os “outros”, as formas como nos referimos à totalidade das pessoas com quem compartilhamos o mundo. O Impessoal “... que é indefinido e que são todos, embora não como soma, prescreve o modo de ser da cotidianidade” (Heidegger, 1981, p. 49). Ele é caracterizado pelo cotidiano

⁵ Heidegger define como ôntico “tudo o que é percebido, entendido, conhecido de imediato” (SPANOUDIS, 1981, p. 11), que está disponível de forma concreta. É aquilo que não é ontológico, ou seja, não diz respeito à estrutura do ser.

ser-em-meio-aos-outros, afastamento, publicidade, uniformidade, massificação, mediocridade, descarregar alguém de seu ser e acomodação (Heidegger, 1981). Isso quer dizer que é a forma como somos com os outros na cotidianidade, que é marcada por nos mantermos afastados do outro, e por buscarmos nos uniformizar, de modo que ficamos massificados na mediocridade, o que dá a sensação de liberar da tarefa de ser si mesmo, gerando uma acomodação. No modo de ser do Impessoal, não se é si mesmo de forma autêntica, mas de forma massificada, pública – um “a gente mesmo” (Heidegger, 1981, p. 54) inautêntico. Adota-se esse modo de ser que é de todos, e de ninguém. “...Lemos, vemos, criticamos literatura e arte como se vê, lê e critica” (Heidegger, 1981, p. 49).

Quando pensamos principalmente na massificação e mediocridade, entendemos o controle que o Impessoal exerce. “A massificação e a mediocridade controlam de imediato cada maneira pela qual o mundo e o ser-aí são interpretados.” (Heidegger, 1981, p. 50). O que é obscurecido, ou até mesmo encoberto, passa como familiar a todos – é como se ocorresse uma normatização, em que o que não é representado fica encoberto, e assim aparece o senso comum, a uniformidade, uma visão unívoca sobre determinado tema.

Apenas ao depararmos-nos com a falha de um instrumento, de algo que está à mão, é que nos angustiamos com o nada, com a falta de sentido (Sá, 2005). Por mais que a angústia pareça, à primeira vista, algo ruim, é a disposição em que o Dasein está realmente aberto para si mesmo, para seu ser-no-mundo (Sá, 2005). Ao angustiarmos-nos, percebemos a abertura que somos, e podemos vir-a-ser da forma mais própria, singular, escolhendo-a, escapando do que já está normatizado no Impessoal.

Assim, podemos pensar numa psicoterapia fenomenológico-existencial como sendo uma analítica do Dasein, que visa justamente que ele possa tematizar e se apropriar de seu projeto próprio (Sá, 2005). O cliente costuma chegar à terapia com suas possibilidades de ser enrijecidas, fixadas no Impessoal, sem conseguir aventar novas possibilidades para si mesmo. O fazer do psicoterapeuta busca suscitar “questionamentos que possibilitem a abertura a outras possibilidades de ser” (Sá, 2005, p. 4). Assim, analisa-se a situação hermenêutica do cliente, para evitar que ele fique limitado pelo Impessoal, o todo-mundo (Sá, 2005). Pela interpretação questionadora, o Dasein abre-se ao seu poder-ser mais singular.

Podemos ilustrar essa ideia com o trabalho de Oliveira (2022), que demonstra como a psicoterapia fenomenológico-existencial pode auxiliar homens que sofrem com o ser-homem do Impessoal, a chamada *masculinidade hegemônica*, tendo papel de libertação, possibilitando que eles experimentem outras formas possíveis de ser-homem, mais autênticas e menos adoecedoras. A autora pontua como o sofrimento existencial se relaciona às limitações do poder-ser, e como, no caso da masculinidade hegemônica, há uma limitação do ser-homem e, mais ainda, do ser-com, que culminam numa forma de ser adoecida. A restrição existencial de ter-que-ser-homem de uma única forma faz com que muitos homens não peçam afeto, carinho, amor, cuidado, que não chorem, não sejam vulneráveis; não se abram para outras possibilidades de poder-ser. Em terapia, há a possibilidade de cuidar das dimensões do ser-com e do poder-ser, de buscar formas mais autênticas de se estar em relação, que não sejam padronizadas pela norma da masculinidade hegemônica, possibilitando vivenciar o cuidado.

O trabalho do terapeuta, seja com homens ou não, segue essa prática, de auxiliar a existência a abrir possibilidades de ser, que, geralmente, ao procurar a terapia, encontram-se enrijecidas, restritas à liberdade para deixar ser. Aqui, pretendemos observar como esse enrijecimento pode estar relacionado à heteronormatividade, assim como Oliveira (2022) o viu em relação à masculinidade hegemônica.

2.2. A Psicoterapia Daseinsanalítica e outras Psicoterapias Fenomenológico-Existenciais

Até aqui, expusemos bases conceituais e teóricas da fenomenologia existencial heideggeriana, e qual o papel de um psicoterapeuta fenomenológico-existencial perante a pessoa atendida.

Contudo, cumpre salientar como é uma psicoterapia daseinsanalítica, fazendo um breve retorno à sua história. Ela foi criada por Medard Boss, após seu contato com os estudos do psiquiatra Ludwig Binswanger, o primeiro a trazer aspectos da filosofia heideggeriana para a psiquiatria, e com um desenvolvimento conjunto com o próprio Martin Heidegger, principalmente durante os Seminários de Zollikon.

Boss, primeiramente, teceu uma crítica à medicina científico-natural, por não considerar a existência ao se debruçar sobre o adoecimento humano. Sua crítica estende-se, também, à psicanálise, por compreender que a metapsicologia

freudiana é justamente a aplicação dos métodos da medicina científico-natural aos achados de Freud: ele buscou explicar, numa lógica de causa e efeito, suas descobertas, afastando-se, assim, da existência e reproduzindo o modelo mecanicista científico-natural (Evangelista, 2015).

Apesar de suas críticas à metapsicologia freudiana, Boss mantém a técnica psicanalítica, tendo como base a associação livre. Dessa forma, pode-se começar a compreender sua Daseinsanalyse: em seu método clínico, é muito semelhante à psicanálise freudiana, diferenciando-se na compreensão do que ocorre no encontro entre paciente e analista.

Na psicoterapia, a fala é reveladora dos modos de ser-no-mundo e dos pressupostos de 'como se deve ser', a fim de recuperar a liberdade de ser. [...] A psicoterapia é um processo de desocultação desses imperativos aprisionantes, que frequentemente impedem a apropriação de possibilidades existenciais. (EVANGELISTA, 2015, p. 151).

Assim, compreende-se que Boss volta-se à filosofia de Heidegger para significar e analisar o que se dá num encontro clínico daseinsanalítico. Fiando-se no entendimento de que “sempre que deixamos de lado possibilidades existenciais, ficamos em dívida com nosso ser, sentindo-nos culpados” (Evangelista, 2015, p. 151), ou seja, na compreensão heideggeriana da culpa existencial, entende-se que a psicoterapia daseinsanalítica é um processo de libertação. “O processo daseinsanalítico é [...] a libertação da existência para seu poder-ser...” (Evangelista, 2015, p. 154), como já exemplificamos anteriormente com o trabalho de Oliveira (2022) com homens, e queremos exemplificar neste trabalho, pensando na heteronormatividade e em pacientes homossexuais.

Para além da psicoterapia daseinsanalítica, há outras formas de psicoterapia fenomenológico-existencial. Os exemplos clínicos utilizados neste trabalho (Clarke, 2008; Langdrige, 2007; Gupta, 2018) são representativos da psicoterapia existencial britânica, considerando que tomam como referência autores como R.D. Laing, DuPlock, van Deurzen, Spinelli e Cohn, nomes referência dessa forma de psicoterapia existencial (Evangelista, 2016, p. 75). Elas também seguem referencial fenomenológico-existencial, sendo influenciadas por Heidegger, mas também por Sartre.

2.3. O Cuidado nas Psicoterapias Fenomenológico-Existenciais

Heidegger (1927/2002), em sua obra, trabalha o conceito *Sorge*. Este termo pode ser traduzido como “cuidado”, e tem significado diferente de como o utilizamos no dia a dia. O cuidado, para Heidegger, é uma forma de ser do *Dasein*; a forma como lida com os entes no mundo. Há duas formas possíveis de cuidado: a ocupação, que seria a lida com entes intramundanos, ou seja, aqueles que não se relacionam com sua própria existência, e a preocupação, a lida com aqueles que, de fato, se relacionam com a própria existência, chamados de existentes.

Heidegger coloca que há dois modos possíveis de preocupação: um em que a preocupação substitui o outro, assumindo para si suas ocupações; e mais um, em que se antepõe ao outro, sem substituí-lo, mas colocando-o diante de suas próprias possibilidades existenciárias (Santos; Sá, 2013). Nas terapias técnicas, que visam eliminar o sofrimento, vemos mais comumente esse modo de preocupação da substituição.

Já nas terapias fenomenológico-existenciais, adota-se o cuidado por anteposição. “No âmbito da clínica, portanto, a ‘anteposição’ seria o modo do ‘ser-com’ em que o terapeuta se deixa apropriar enquanto abertura para a manifestação das possibilidades próprias do outro.” (Santos; Sá, 2013, p. 56). Isso significa que as terapias fenomenológico-existenciais são essencialmente diferentes de outras terapias, em especial daquelas que visam reduzir ou eliminar sintomas, ou então das chamadas terapias de conversão, porque, desde sua constituição, é distinta. Vemos a pessoa do cliente de forma diferente; pessoa é ser-aí, e mudar essa compreensão de pessoa não é meramente um esforço teórico, mas implica o modo de existir do terapeuta, que deve compreender os modos cotidianos e impessoais de ser e a singularização do existir (Santos; Sá, 2013).

Assim, para cuidar da existência, numa forma de cuidado que promova sua liberdade e autenticidade, não se pode partir de noções prévias de saúde ou mera eliminação de sintomas. Por isso, diz-se que adotamos a solicitude libertadora, que é justamente o cuidado por anteposição, o que implica ajudar a pessoa a entender que é abertura de sentido, que é responsável por si mesma, o que pode significar ajudar a pessoa a se angustiar, antes de poder ser si mesma. E, para poder fazer isso, é necessário do terapeuta “um movimento de suspensão e recuo ante as demandas imediatas do sofrimento tal como aparece dado à experiência cotidiana e um exame do próprio campo experiencial de sentido em que ele se constitui”

(Santos; Sá, 2013, p. 58). Assim, o cuidado clínico não substitui o cliente, impondo-lhe uma cura determinada pelo especialista, mas convida-o a experienciar sua liberdade essencial, apropriando-se de si, ajudando-o a entender que tem diversos caminhos pelos quais pode seguir, para que decida, ele mesmo, qual deles quer seguir.

Retomar esses modos de cuidado psicoterápico nos ajuda a dar corpo ao que colocamos anteriormente, sobre a atuação do terapeuta fenomenológico-existencial não prever objetivos ou noções de cura; o cuidado é antepositivo, e não substitutivo, ou seja, reflete ao cliente suas possibilidades ônticas, sua própria abertura e indeterminação.

Retomando as formas próprias de sofrimento de clientes homossexuais expostas anteriormente, entendemos que elas muito se relacionam ao Impessoal heteronormativo e homofóbico, que lança pessoas homossexuais a um lugar social inferiorizado, subalterno ao ocupado por pessoas que se adequam à norma.

Sendo assim, como pode a terapia fenomenológico-existencial, marcada pelo cuidado antepositivo, auxiliar nisso? Está claro que a terapia fenomenológico-existencial não é, por definição, normativa, ou seja, não busca prescrever o que seria o melhor ou o correto para quem a procura. Não há, previamente, objetivos aos quais o cliente deve atingir para que seja considerado saudável ou livre de seu sofrimento. Não há noções prévias do que é prejudicial para o cliente. O trabalho é fenomenológico, pautado no que o cliente diz e demonstra de si, e existencial, voltado para a singularidade e autenticidade do cliente. Com isso, queremos dizer que a fenomenologia é o método pelo qual o psicoterapeuta escutará seu cliente, e a analítica existencial é a forma como o psicoterapeuta irá realizar o trabalho hermenêutico diante dos fenômenos experienciados pelo cliente, e também balizará a forma como ele se colocará na relação clínica com o paciente, visto que a abordagem fenomenológico-existencial não é apenas uma técnica a ser aplicada na clínica, mas implica uma visão de pessoa única; a saber, o entendimento de que pessoa é Dasein, é abertura de sentido, é ser-no-mundo-com-outros. Como afirmam Sá e Barreto (2011),

a atitude clínica mostra-se intimamente associada à própria atitude fenomenológica de suspensão das objetivações da existência e abertura à experiência de si e do outro como ser-no-mundo-com, como cuidado ontológico, condição de possibilidade para o acontecimento de uma

transformação não produzida tecnicamente, mas emergente em forma de reflexão sobre o sentido (p. 393).

Considerando que as terapias afirmativas foram criadas no contexto de reverter o que a ciência psicológica, e algumas psicoterapias, haviam feito à comunidade homossexual, ou seja, a patologização da diversidade sexual, podemos entender que, apesar de psicólogos e psiquiatras alinhados à fenomenologia existencial terem defendido, em seu tempo, uma perspectiva patologizante, não há nada, na própria psicologia fenomenológico-existencial, que patologize a diversidade sexual; e, mais ainda, se o cliente atendido se identifica como homossexual, é explicitamente, pela teoria, papel do psicoterapeuta auxiliá-lo a viver de forma autêntica sua própria verdade, independentemente da norma vigente no Impessoal, o que é, por si só, afirmativo da identidade sexual do cliente.

3. TERAPIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL COM CLIENTES HOMOSSEXUAIS

Agora que já adentramos os conceitos da psicologia fenomenológico-existencial, e o funcionamento da psicoterapia, podemos falar da psicoterapia com clientes homossexuais.

Isso será feito a partir do aprofundamento na dimensão do ser-com presente na terapia, da exploração do sofrimento com o Impessoal heteronormativo no caso específico de pacientes homossexuais, da leitura detida de um caso clínico de Clarke (2008) e de pensarmos o poder-ser e a apropriação de si possíveis com a psicoterapia.

3.1. A Dimensão do Ser-Com na Terapia com Clientes Homossexuais

Após a explicitação de como se dá uma psicoterapia fenomenológico-existencial, cumpre aprofundar na dimensão do ser-com, um dos existenciais postulados por Heidegger em *Ser e Tempo* (1927/2002). Isso se faz importante porque, como já foi exposto até aqui, uma das principais formas de sofrimento existencial de pessoas homossexuais se dá em torno da homofobia e dos pressupostos da heteronormatividade, que estão decaídos no Impessoal e que se manifestam principalmente nas dimensões do ser-com e do poder-ser do cliente.

Na perspectiva fenomenológico-existencial heideggeriana, a convivência nunca é o encontro de dois sujeitos isolados, já definidos em si mesmos (Lessa; Sá, 2006). “Cada homem já é sempre ‘no-mundo-com-o-outro’ e o modo mais próprio de ser ‘si-mesmo’ não exclui, mas implica obrigatoriamente algum modo específico de ‘ser-com’” (Lessa; Sá, 2006, p. 397). Assim, a pessoa é no mundo com os outros; ela não se constitui subjetivamente de forma prévia, e se relaciona com os outros como meros objetos posteriormente, como algumas teorias da psicologia pressupõem.

Com base nisso, entendemos que, na clínica, o psicoterapeuta estará com a pessoa, cuidando de forma antepositiva, ajudando-a a entender, também, sua forma de ser-com-os-outros. E é justamente na relação terapêutica que o cliente pode experimentar outras formas possíveis de ser-com, pois, numa psicoterapia fenomenológico-existencial, a relação terapêutica não se resume à transferência, é uma verdadeira relação entre duas existências. “A perspectiva existencial valoriza o encontro no aqui-agora, onde o outro comparece com sua alteridade própria,

afetando e sendo afetado, e não apenas enquanto uma representação” (Lessa; Sá, 2006, p. 395). Desse modo, pensando nos clientes homossexuais, podemos proporcionar, por meio do cuidado na clínica, a exploração da possibilidade de ser mais autêntico em relação à própria sexualidade, falar abertamente de si, de seus desejos e relacionamentos, possibilidades que, talvez, ainda não sejam contempladas fora do consultório. A seguir, exemplificaremos essa possibilidade por meio do trabalho de Clarke (2008).

3.2. A Terapia e o Sofrimento com o Impessoal

Podemos pensar que, na terapia com clientes homossexuais, é papel do terapeuta, por meio do cuidado antepositivo, auxiliar o cliente a reconhecer o que é do Impessoal e o que lhe é mais próprio. Assim, o terapeuta pode auxiliar o cliente a compreender que as concepções sedimentadas do que é ser homossexual, que vêm do Impessoal, não são definitivas ou deterministas de quem uma pessoa homossexual pode ser. Mesmo que o Impessoal, pela heteronormatividade, estigmatize essas pessoas de uma certa forma, pode haver movimentos de resistência, políticos e/ou existenciais, que interpelem essas pretensas verdades construídas no senso comum, colocando-as em xeque.

E é justamente por isso que o psicoterapeuta, em seu ofício, pode assumir um papel pivotante na vida de pessoas homossexuais que busquem, de alguma forma, lidar com a opressão e a discriminação, seja própria ou externa, na clínica; a possibilidade da responsabilização por si mesmo, pelo próprio projeto de vida, reconhecendo o que é do Impessoal e o que é próprio, é fundamental nisso.

Isso pode ser exemplificado no trabalho de Clarke (2008), já citado anteriormente, que consistiu na apresentação de um de seus casos clínicos, em que um jovem homossexual buscava ajuda para conseguir viver abertamente e, ele mesmo, aceitar sua sexualidade. Relata Clarke (2008) que Michael é um jovem que tinha se mudado do interior da Inglaterra para morar em Londres. Apesar de se descrever como criativo, estava sentindo-se preso dentro de si mesmo, com uma crise de identidade. Sentia-se deprimido, e não compartilhava seus sentimentos com ninguém, temendo se tornar um fardo para outrem, o que faria com que o rejeitassem. Sentia culpa e convivia com um luto não-expresso pela morte do irmão alguns anos antes. Sentia-se confuso em seu senso de si mesmo, em sua percepção de não ser aceito pelos demais, não saber como aceitar amor de outrem;

sua criação havia o ensinamento que ele não era merecedor de dar ou receber amor. Ele havia crescido numa família muito religiosa e preconceituosa, incapaz de demonstrar emoções, preocupada com aparências. A única pessoa de quem ele já havia se sentido próximo era seu falecido irmão. Havia se mudado para Londres para descobrir como poderia viver sendo gay, mas não conseguia fazer isso sem ajuda. O que preocupava Michael era não saber como viver criativamente.

Clarke (2008) afirma que seu trabalho com ele foi explorar a dimensão de seu *Mitwelt*, seu ser-com, para que ele pudesse sair do armário para si mesmo e para as pessoas com quem convivia; o trabalho de Clarke foi facilitar seu processo de *coming out*. Para o pesquisador, o foco era entender até onde o ser-com de Michael havia se feito transparente para outros, e até onde estava disfarçado. Michael não conseguia se identificar por completo com a sociedade, e nem com algum grupo de que decidisse fazer parte. Não conseguia ser-no-mundo-com-os-outros de forma autêntica.

Clarke (2008) afirma que o cliente sentia que nunca tinha tido uma oportunidade para analisar quem era, ou quem queria ser. Ele sentia que tinha que se conformar com as expectativas de sua família e da igreja que frequentava. Na terapia, o cliente percebeu que poderia mudar a perspectiva de seu mundo interno (*Eigenwelt*), o que poderia trazer possibilidades de realização. O papel de Clarke, de acordo com ele, foi propiciar um espaço para que Michael pudesse se desenvolver, e desafiá-lo a encontrar seus valores e crenças. Michael contemplava que seu futuro só poderia ser como seu passado havia sido, o que agravava a situação de sedimentação em que ele se sentia. Ele decidiu buscar um futuro mais autêntico confrontando os problemas que o mantinham preso ao passado.

Este caso clínico ilustra como o psicoterapeuta pode auxiliar o cliente a reconhecer o quanto suas possibilidades existenciais podem se tornar restritas ao aceitar como definitiva a lógica opressiva e discriminatória imposta socioculturalmente, ou pelo Impessoal, e como isso afeta a dimensão do ser-com; o cliente se restringia, se fechava para possibilidades de interação, e adotava cegamente valores que não lhe eram autênticos.

Clarke (2008) conclui seu artigo afirmando que

o ponto de vista existencial ajuda terapeutas a considerar a singularidade do cliente, seu modo existencial de ser-no-mundo, sua capacidade para autoconsciência, seu senso de liberdade e responsabilidade, e seus

esforços por uma identidade e relacionamento com outrem (p. 70; tradução nossa).

A liberdade para sair do armário é a liberdade para fazer uma escolha, de acordo com Clarke (2008). Também afirma que sair do armário é o começo de um processo em que o cliente pode se sentir completo, o que pode gerar um senso de pertencimento e comunidade. Essa perspectiva se soma ao que postulamos anteriormente sobre o papel da psicoterapia; pode ser essencial para que a pessoa que sofre sozinha consiga se colocar de forma mais aberta no mundo, para então buscar um cuidado comunitário, na dimensão do ser-com, no sentido de pertencimento a um grupo com o qual se identifique.

3.3. A Apropriação de Si na Terapia e o Poder-Ser

A psicoterapia fenomenológico-existencial pode funcionar como forma de desvelamento do Impessoal, das formas enrijecidas e estigmatizadas de ser homossexual, reveladora da heteronormatividade, abrindo a apropriação de si como possibilidade. Como o exemplo clínico de Clarke (2008) demonstra, a psicoterapia pode servir para que o cliente rompa com padrões adoecidos e adoecedores do mundo, abrindo-se para formas próprias de viver livremente sua identidade sexual.

Como já reforçamos anteriormente, na relação terapêutica, abrem-se outras possibilidades de ser-com, que podem ser levadas adiante como poder-ser fora do consultório, em outras relações para além da terapêutica.

Possibilita-se que se reconheça a homofobia internalizada, as formas de discriminação mais sutis ou veladas a que se pode estar sujeito, e que se busque formas autênticas e próprias de lidar com isso; muitas vezes, essa busca pode vir a cabo pela aceitação da própria sexualidade e pela abertura para vivê-la, compartilhando-a com pessoas que também dissidam da heteronorma, tanto em relações comunitárias quanto em relações amorosas ou sexuais.

E como fazer isso cabe à pessoa, ao Dasein. Apenas o cliente poderá vislumbrar formas de ser si mesmo, sem restringir-se pelos padrões rígidos impostos pelo Impessoal. Só ele poderá pensar em seu devir, em seu poder-ser, diante de novas formas de ser-com abertas a ele. O papel do psicoterapeuta é acompanhá-lo nessa jornada.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, empreendemos o esforço de entender como pode ser uma psicoterapia fenomenológico-existencial com clientes homossexuais, não pensando que deve ter suas especificidades pela orientação sexual do cliente em si, mas pela forma distinta, subalternizada, com a qual os homossexuais são vistos, representados e tratados em nossa sociedade.

Assim, retomamos a heteronormatividade, as formas como ela atua nas pessoas homossexuais, relegando-as à pretensa segurança do armário, ou então, mesmo quando se vive abertamente a própria orientação sexual, há o enfrentamento de discriminação, estigmatização, negação ao acesso de direitos básicos, perseguição política, que muitas vezes levam a pessoa a esconder a própria orientação sexual, e a sofrer.

Retomamos, também, o cuidado específico que existe numa psicoterapia fenomenológico-existencial: cuidamos de forma antepositiva, pela solicitude libertadora, sem impor noções de saúde ou cura ao cliente. Ele é Dasein, é abertura de sentido, é indeterminado, e deve, ele mesmo, descobrir e viver suas possibilidades existenciais, libertando-se.

Assim, diante do enrijecimento de possibilidades existenciais que pode haver para pessoas homossexuais em nossa sociedade, para quem o poder-ser encontra-se restrito por um Impessoal que determina lugares específicos e, geralmente, negativos e subalternos a pessoas homossexuais, é papel da psicoterapia, e do psicoterapeuta, auxiliar que a pessoa possa aventar outras possibilidades para si; que possa construir relações seguras e saudáveis, em que o estigma e a discriminação não sejam centrais, a partir da própria relação terapêutica.

Também passamos pelas terapias afirmativas, e como o papel que elas devem desempenhar, de reconhecer o papel do estigma social negativo no sofrimento de pessoas homossexuais e atuar de forma receptiva, acolhedora e afirmativa da orientação sexual de clientes não-heterossexuais, já é o que um psicoterapeuta alinhado à Daseinsanalyse deve fazer, considerando que a Daseinsanalyse não é normativa, mas trabalha fenomenologicamente com a experiência vivida do cliente.

Uma limitação relativa a este ponto, que deve ser aqui apontada, é que para que a terapia realmente possibilite que o paciente entre em contato com suas possibilidades em relação à orientação sexual, o terapeuta deve ter uma formação

crítica em relação à diversidade sexual e de gênero. Como apontado anteriormente, apesar de na fenomenologia existencial não haver uma normatividade própria, no Impessoal essa normatividade existe, e se o psicoterapeuta não se capacitar em relação a isso, pode acabar por reproduzir algo dessa normatividade em seu trabalho clínico.

Outra limitação desta pesquisa é que ela se refere a pacientes homossexuais, sem se debruçar sobre outros grupos que também dissidem da cisheteronorma, apesar de poder, em partes, ser aplicada a esses grupos. Não seria possível, no espaço desta monografia, dar conta das especificidades de cada orientação sexual ou identidade de gênero dissidente da norma, portanto este é um possível caminho futuro de continuidade desta pesquisa.

Por fim, espera-se que esta pesquisa contribua para a prática clínica de daseinsanalistas, possibilitando uma maior reflexão sobre o trabalho com clientes homossexuais. Com isso, espera-se, também, que passemos a falar mais, e considerar mais em nossas pesquisas e congressos, a realidade vivida de grupos marginalizados e minoritários, muitas vezes esquecidos pela psicologia fenomenológico-existencial.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: História e Crítica de um Preconceito**. (1. ed.). Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BOSS, M. **Meaning and Content of Sexual Perversions**. Nova York: Grune & Stratton, 1949.

CLARKE, Colin M. **Facilitating Gay Men's Coming Out: An Existential-Phenomenological Exploration**. *Journal of Gay & Lesbian Psychotherapy*, v. 11, n. 1-2, p. 61-73, 2008. DOI: https://doi.org/10.1300/J236v11n01_05.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). (1999). **Resolução CFP nº 01, de 22 de março de 1999**. [S.l.: s.n.].

COSTA, A. B.; FONTANARI, A. M.; ZOLTOWSKI, A. P. Como Escrever Um Artigo De Revisão Sistemática: Um Guia Atualizado. *In: SAMPAIO, Maria Imaculada Cardoso; SABADINI, Aparecida Angélica Zoqui Paulovic; KOLLER, Silvia Helena (Org.) Produção Científica: um Guia Prático*. São Paulo: USP, 2022.

EVANGELISTA, P. E. R. A. Daseinsanalyse de Medard Boss. *In: EVANGELISTA, P. (Org.) Psicologia Fenomenológico-Existencial: Possibilidades da Atitude Clínica Fenomenológica (2a ed.)*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2015.

_____, P. E. R. A. **Psicologia Fenomenológica Existencial: A Prática Psicológica à Luz de Heidegger**. Curitiba: Juruá, 2016.

GUPTA, Nisha. **Exploring the Schizoid Defense of the Closet Through the Existential-Phenomenology of R. D. Laing**. *Journal of Humanistic Psychology*, v. 57, n. 2, p. 170-189, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1177/0022167815597411>.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo (1927)**, Partes I e II, tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____, Martin. **Todos Nós... Ninguém: Um Enfoque Fenomenológico Social**. São Paulo: Moraes, 1981.

LANGDRIDGE, Darren. **Gay Affirmative Therapy: A Theoretical Framework and Defence**. *Journal of Gay & Lesbian Psychotherapy*, v. 11, n. 1-2, p. 27-43, 2008. DOI: https://doi.org/10.1300/J236v11n01_03.

LEONE, Andrew J. **An Existential-Phenomenological Investigation of the Experience of Gay Men Acknowledging to Themselves That They Are Attracted to Other Men**. *Indo-Pacific Journal of Phenomenology*, v. 16, p. 69-82, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1080/20797222.2016.1164993>.

LESSA, Jadir Machado; SÁ, Roberto Novaes de. **A relação psicoterapêutica na abordagem fenomenológico-existencial**. *Análise Psicológica*, v. 24, n. 3, p. 331-343, 2006. Disponível em: <https://scielo.pt/pdf/aps/v24n3/v24n3a13.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2025.

MACHADO, Silvio. **The Poetics of Parent-Son Encounters Following Negative Parental Reactions to the Disclosure of Gay Identity**. *Journal of Humanistic Psychology*, v. 55, n. 1, p. 30-52, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1177/0022167814522911>.

MAGLIANO, Fernando da Rocha; SÁ, Roberto Novaes de. **Reflexões heideggerianas sobre técnica, liberdade e práticas psicológicas clínicas**. *Arq. bras. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 67, n. 2, p. 19-32, 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-5267201500020003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 fev. 2025.

MALYON, Alan K. **Psychotherapeutic Implications of Internalized Homophobia in Gay Men**. *Journal of Homosexuality*, v. 7, n. 2-3, p. 59-69, 1982. DOI: https://doi.org/10.1300/J082v07n02_08.

OLIVEIRA, Natália Marina de. **Masculinidade Hegemônica: Um Olhar Fenomenológico-Existencial**. Orientador: Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista. 2022. Monografia (Curso de Especialização em Psicologia Clínica) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

PAIVA, Vera. **A Psicologia Redescobrirá a Sexualidade?** *Psicologia em Estudo*, v. 13, n. 4, p. 641-651, 2008. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/pe/a/64cZ3VhdyLrpf6FzS8t95Mc/abstract/?lang=pt#>

SÁ, Roberto Novaes. **A Analítica Heideggeriana da Existência em Ser e Tempo**. In: INSTITUTO DE PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL (Org.). *Anais do V Jornada IFEN: Diferentes Modos de Compreensão da Subjetividade*. p. 1-5. IFEN, 2005. Recuperado de: https://www.ifen.com.br/jornada/roberto-analitica_heideggeriana.pdf.

SÁ, Roberto Novaes de; BARRETO, C. L. B. T. **A Noção Fenomenológica de Existência e as Práticas Psicológicas Clínicas**. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 28, n. 3, p. 389-394, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000300011>.

SANTOS, B. S.; HOHENDORFF, J. V. **Uma Revisão Integrativa sobre a Terapia Afirmativa no Brasil: Atualizações desde 2009**. *Cadernos de Psicologia*, v. 4, n. 2, p. 16, 2024. Disponível em: <https://www.cadernosdepsicologia.org.br/index.php/cadernos/article/view/243/174>. Acesso em: 11 nov. 2024.

SANTOS, Danielle de Gois; SÁ, Roberto Novaes de. **A existência como "cuidado": elaborações fenomenológicas sobre a psicoterapia na contemporaneidade**. *Rev. abordagem gestalt.*, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 53-59, jul. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-6867201300010007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 08 mar. 2025.

SARMENTO, Vinícius Akim de Moraes; EVANGELISTA, Paulo Eduardo Rodrigues Alves. **A homofobia na literatura psicológica fenomenológico-existencial**: uma revisão integrativa. Revista Psicologia Política. No prelo.

SPANOUDIS, Solon. A Todos que Procuram o Próprio Caminho. *In*: HEIDEGGER, Martin. **Todos Nós... Ninguém: Um Enfoque Fenomenológico Social**. São Paulo: Moraes, 1981. p. 9-22.